

# SUBSÍDIOS PARA A TRANSIÇÃO

**GRUPO TÉCNICO  
TRABALHO**

## **NOTA 02**

Reintegração dos Jovens Fora da Escola e  
Fora do Mercado de Trabalho

**afipea**

Sindicato Nacional dos Servidores do Ipea | Associação dos Funcionários do Ipea

# Reintegração dos Jovens Fora da Escola e Fora do Mercado de Trabalho

*Enid Rocha Andrade da Silva<sup>1</sup>*

## 1. Diagnóstico

As importantes medidas tomadas para conter o contágio do vírus Sars-CoV-2 no Brasil tiveram como consequência a redução do consumo e do investimento e a perda expressiva de postos de trabalho. Uma especificidade da atual crise foi o aumento da inatividade e, principalmente, do número de jovens desalentados, que desistiram de procurar emprego porque perderam as esperanças. Ademais, essa crise teve um diferencial importante em relação a outras que a precederam. Além de impactar no mercado de trabalho, também interrompeu o processo de construção de habilidades, como a continuidade da educação e da formação profissional, que são fundamentais para ampliar as chances de os jovens conquistarem um trabalho decente na fase de recuperação da economia.

Assim, se antes da pandemia, o Brasil já contava com um número considerável de jovens que não estudavam, não trabalhavam e não estavam em treinamento, as especificidades da crise Covid-19 agravaram este quadro na medida em que contribuíram para aumentar o contingente de jovens que interromperam seus estudos e pararam de buscar emprego, ampliando a grupo dos jovens nem-nem desengajados da força de trabalho. Sem trabalhar e sem estudar, esses jovens não estão acumulando capital humano, o que pode levar a perdas de rendimentos significativas e persistentes que comprometem suas trajetórias laborais ao longo da vida.

Para os jovens, o legado da crise sanitária pode durar décadas. Por esta razão, conhecer mais sobre suas vulnerabilidades, analisar suas diferentes motivações para permanecerem sem estudar e sem trabalhar são fundamentais para o desenho de políticas públicas que possam romper com o círculo vicioso presente na vida desses jovens que os leva a transitar, indefinidamente, entre longos períodos de inatividade e de inserção precária no mercado de trabalho.

Rocha e Vaz (2020)<sup>2</sup> mostraram que a categoria “jovens nem-nem” esconde a enorme heterogeneidade que tem lugar no interior desse grupo no Brasil, que, quando não considerada, impede a elaboração de políticas públicas capazes de alcançar todos os jovens que estão nesta condição. Com o objetivo de dar visibilidade às diversas vulnerabilidades que afetam os diferentes grupos de nem-nem, esses autores com seis subgrupos de jovens sem trabalho e sem estudo.

---

<sup>1</sup> Disoc/Ipea/Brasília. Nota elaborada para compor documento da Afipea. As posições emitidas são de exclusiva e inteira responsabilidade da autora e não refletem, necessariamente, a posição do Ipea.

<sup>2</sup> [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10414/1/bmt\\_70\\_jovens\\_que\\_nao.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10414/1/bmt_70_jovens_que_nao.pdf)

### Quadro 1. Categorias de Jovens que estão sem estudar e sem trabalhar

<b>Categorias</b>	<b>Definição</b>	<b>Condição na força de trabalho</b>
Desempregados de curto prazo	Jovens desempregados, que procuram trabalho e que estão desempregados há menos de um ano.	Incluídos Força de trabalho
Desempregados de longo prazo	Jovens desempregados, que procuram trabalho e que estão desempregados há mais de um ano.	
Indisponível devido à saúde, gravidez ou incapacidade	Jovens que não procuram emprego ou não estão disponíveis para iniciar um trabalho devido a doença ou incapacidade.	Fora da força de trabalho
Indisponível devido a responsabilidades familiares	Jovens que não estão procurando emprego ou que não estão disponíveis para iniciar um novo emprego porque cuidam de crianças ou adultos incapacitados ou têm outras responsabilidades familiares menos específicas	
Desencorajados	Jovens que pararam de procurar trabalho porque acreditam que não há oportunidades de emprego para eles. São na maioria jovens vulneráveis e com alto risco de exclusão social, com grande probabilidade de obter maus resultados no emprego ao longo de suas vidas profissionais e com alto risco de desligamento ao longo da vida	
Outros *	Inclui os jovens que na PNAD-C responderam as seguintes motivações para não trabalhar: "Não quer trabalhar ou é aposentado"; "Não tinha experiência profissional ou qualificação"; "Acha que não vai encontrar trabalho por ser muito jovem ou idoso"; "Estava aguardando resposta de medida tomada para conseguir trabalho" e "outros motivos"	

Fonte: IPEA, Rocha e Vaz (2020)

Em 2019, quase 60% dos jovens nem-nem do país estavam fora da força de trabalho e já não buscavam ocupação e cerca de 40% faziam parte da força de trabalho na qualidade de jovens desocupados de curto prazo (24%) e desocupados de longo prazo (19%). Entre os jovens nem-nem fora da força de trabalho, 13% eram desencorajados; 24% não estavam disponíveis para trabalhar por serem responsáveis pelos afazeres domésticos e/ou por terem que cuidar de pessoas no domicílio; 9% não trabalhavam por indisponibilidade decorrente de saúde ou gravidez e 11% estavam sem trabalhar e sem estudar por motivos diferentes aos citados anteriormente.

Todos os subgrupos de nem-nem apresentados na tipologia proposta carregam algum tipo de vulnerabilidade cuja magnitude varia em função das maiores ou menores dificuldades que os jovens teriam que enfrentar para retomar ao mercado de trabalho, caso desejassem. Do ponto de vista do retorno ao mercado de trabalho, os jovens desencorajados apresentariam maiores dificuldades de fazerem o percurso de volta em função do maior tempo em que permaneceram inativos. O mesmo ocorreria com o grupo das jovens nem-nem por responsabilidades familiares, que são extremamente vulneráveis, cujo retorno ao mercado de trabalho e à escola dependem da oferta pública de serviços de cuidados para crianças, adultos e idosos com incapacidades. Por sua vez, os jovens indisponíveis por doença ou incapacidade são também considerados extremamente vulneráveis porque estão impossibilitados de realizar trabalho remunerado pelo tempo em que o problema de saúde persistir. Muitas vezes pela vida toda. Impedidos de auferirem renda por meio do trabalho tornam-se muito vulneráveis, pois terão sua sobrevivência dependente de apoio assistencial e/ou familiar até que se recuperem e possam retomar suas trajetórias laborais.

Do ponto de vista das políticas públicas, os subgrupos dos nem-nem que integram a força de trabalho (desocupados de curto e longo prazo) são mais facilmente alcançados pelas

medidas de ativação da oferta e da demanda do mercado de trabalho porque, em geral, estão mais disponíveis à participação em programas de treinamento profissional e mais bem-informados em relação às ofertas existentes no mercado de trabalho. Em oposição, os grupos de jovens nem-nem que estão fora da força de trabalho formam um contingente difícil de ser alcançado pelas políticas públicas. Como não estudam e não buscam trabalho não mantêm cadastro atualizado nos serviços de intermediação ou das escolas. Sendo assim, seu alcance por parte das políticas públicas de reintegração demanda ações que incluam a busca ativa.

Dessa forma, tendo em vista as elevadas vulnerabilidades dos jovens nem-nem que estão fora da força de trabalho, propõe-se implementação de uma estratégia de políticas públicas com o objetivo de reintegrá-los na educação e no mercado de trabalho. Essa intervenção deve considerar a heterogeneidade deste grupo e combinar medidas de elevação de escolaridade, articuladas às ações de qualificação; de assistência à procura de emprego, de treinamento das habilidades socioemocionais; e de mentorias individuais.

## 2. Proposta

**Objetivo:** Implementar estratégia de apoio para a reintegração dos jovens que se encontram fora da escola e fora da força de trabalho (jovens “sem-sem”)

- Serviços de cuidados para crianças (creches) próximos ao local de residência ou do trabalho dos/das jovens.
- Segunda Chance de Escolarização (Ensino de jovens e adultos para níveis fundamental e médio).
- Assistência à procura de emprego (elaboração de currículos, testes vocacionais, treinamento das habilidades socioemocionais, identificação e encaminhamento para vagas de emprego, entre outros).
- Treinamento e capacitação profissional em serviço.
- Apoio e treinamento específico para abertura e sustentabilidade de pequenos empreendimentos. Articulação com planos e estratégias setoriais em vigor

A Estratégia envolve a coordenação de ações e programas já existentes e que, na estrutura atual, são implementadas pelos Ministérios da Educação; da Cidadania e da Economia. Os Centros de Referências de Assistência Social (CRAS), que contam com mais de 8,0 mil unidades em todo o país e funcionam com equipes técnicas compostas por assistentes sociais, psicólogos e advogados poderiam ser responsáveis pela busca ativa desses jovens. Nesses centros, os jovens receberiam apoio para elaboração de currículos, treinamento das habilidades socioemocionais e seriam encaminhados para os Serviços de Intermediação de Emprego.

Os assistentes sociais dos CRAS auxiliariam também no acesso aos serviços públicos de cuidados (creches) para as jovens mães, em programas de segunda chance de escolarização e de treinamento e qualificação profissional. Os profissionais dos CRAS seriam as pessoas de referências, responsáveis pela elaboração e acompanhamento de planos individuais para a reintegração desses jovens `escola e ao mercado de trabalho. A Estratégia poderia começar tendo como público alvo prioritário as jovens de 24 a 29 anos, inscritas no Cadastro Único, que estão sem trabalhar e sem estudar, a maioria responsável pelo trabalho não remunerado do domicílio.